

A FOTOGRAFIA COMO PRÁTICA EDUCATIVA: 30 anos de aprendizado com Miguel Chikaoka.

Vanessa Freire PINHEIRO¹
Ylen Braga BRITO²
Vânia Maria Torres COSTA³

RESUMO

O objetivo do trabalho é analisar o uso da fotografia como prática educacional a partir da visão dos alunos do fotógrafo paulista Miguel Chikaoka, que vem formando novos fotógrafos na cidade de Belém do Pará, desde a década de 1980. A pesquisa é baseada nos últimos trinta anos, quando Miguel Chikaoka potencializou estudos sobre a fotografia no Pará, principalmente a fotografia artesanal. O uso de entrevistas com participantes de oficinas e fotógrafos amadores e profissionais, que um dia foram seus alunos, são utilizados como registros da influência do fotógrafo.

Palavras-chave: Miguel Chikaoka; fotografia; educação; Belém

INTRODUÇÃO

Mais do que explicar a fotografia como processo de educação, este trabalho sobre a visão dos alunos sobre o processo educativo de fotografia por Miguel Chikaoka pretende mostrar um viés humano dessa atividade. A pesquisa busca mostrar que o estudo da fotografia não se refere somente a aprender as técnicas passadas pelos manuais, mas proporciona ver o mundo de outra forma através da luz.

Este estudo pretende analisar como os alunos de Miguel Chikaoka passaram a compreender a fotografia a partir das aulas do fotógrafo. O objetivo principal do trabalho é observar o uso da fotografia como prática educacional e processo que “apresenta muitas possibilidades de abordagens pedagógicas”⁴. Além disso, expor o ponto de vista e experiências dos alunos que fizeram parte das aulas ministradas pelo fotógrafo Miguel Chikaoka e descrever a atuação dele na área de educação.

¹ Graduada em 2014 no curso de Jornalismo da Faculdade Estácio do Pará – FAP, e-mail: vanessafreirep@gmail.com

² Estudante de Graduação 8º semestre do curso de Jornalismo Faculdade Estácio do Pará – FAP, e-mail: ylenbritto@gmail.com

³ Doutora em Comunicação (UFF), professora do curso de Jornalismo da Faculdade Estácio do Pará – FAP, orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso que originou este artigo, e-mail: professoravaniatorres@gmail.com

⁴ Miguel Chikaoka. Entrevista concedida às pesquisadoras em 30 de agosto de 2014.



Faz-se necessário destacar o trabalho do fotógrafo, relacionando a prática da fotografia como ponte entre a educação e a comunicação para, assim, ajudar a promover e estimular as atividades envolvendo fotografia e pedagogia.

Miguel Chikaoka é natural de Registro, São Paulo, e formado em Engenharia pela Universidade Estadual de Campinas – Unicamp. Mas profissionalmente ele se destacou como fotógrafo e professor de fotografia. Entre os anos de 1977 e 1979, morou na cidade francesa de Nancy, na qual frequentou a *École Supérieure de Mécanique et Électricité*, mas não chegou a concluir o curso. Ao retornar ao Brasil, instalou-se em Belém e passou a desenvolver seu trabalho como fotojornalista. Foi colaborador da Agência F/4 de 1981 a 1991; em seguida, na N Imagens, de 1991 a 1994, e hoje integra a agência Kamara Kó⁵.

Chikaoka, desde a década de 80, passou a desenvolver uma intensa atividade como fotógrafo independente em Belém do Pará. Logo tornou-se um dos professores mais importantes no Brasil, exercendo grande influência na formação de novos fotógrafos, relacionada a iniciativas como foto-oficinas, Foto-Varal, a Fotoativa (existente até os dias de hoje, já transformado em associação) e o domínio da câmera *pinhole*⁶.

Nos últimos cinco anos, Chikaoka tem se voltado à educação, mas sem abandonar seus outros projetos e trabalhos como fotógrafo. Acreditando na fotografia não apenas como um conhecimento em si para a produção de imagem, mas como um processo que apresenta muitas possibilidades de abordagens pedagógicas, que não têm sido utilizadas para potencializar o desenvolvimento e a construção do conhecimento nas escolas.

Foram realizadas seis entrevistas com alunos de Miguel Chikaoka. Esses alunos fizeram parte dos 30 anos de história de Chikaoka com a educação. São eles: Paula Sampaio⁷, representando os anos 1980, Alberto Bitar⁸, os anos 1990, Michel Pinho⁹, os anos 2000,

⁵ Significa “os irmãos”, em língua tupi. Nome escolhido também por ter referência à fonética da palavra “câmera”.

⁶ Máquina fotográfica artesanal sem lente com material fotossensível em seu interior, que fixa a imagem que a invade através de um pequeno orifício feito com uma agulha. “A câmera pinhole remete diretamente as câmeras escuras, artifício esse conhecido e utilizado por artistas desde o período renascentista” (SOUGEZ, 2001, *apud* CALAÇA, 2011, p. 3). Essas câmeras são artesanais e, de tão simples, podem ser confeccionadas sem a necessidade de nenhum material sofisticado. Cada imagem capturada pela pinhole é única em seu resultado final, como enquadramento e iluminação.

⁷ Paula Sampaio é de Belo Horizonte - MG. Reside na cidade de Belém do Pará desde os anos 80, onde cursou Jornalismo na UFPA, mesma década em que começou a trabalhar como fotojornalista. Há anos, Paula desenvolve vários projetos na área de fotografia relacionados à Amazônia. Um exemplo de homenagem que recebeu foi quando ganhou a menção honrosa na terceira versão de Prêmio Nacional de Fotografia/Funarte (1998).

⁸ Alberto Bitar é formado em administração pela Universidade da Amazônia (UNAMA) e iniciou a trajetória como fotógrafo na década de 1990, mesma época que teve contato com a oficina da Fotoativa. Alberto já realizou exposições (tanto coletivas e individuais) no Brasil e no exterior.

⁹ Michel Pinho é formado em história pela Universidade Federal do Pará (UFPA), começou a fotografar a partir das aulas que teve na Fotoativa, onde foi presidente duas vezes, de 2009 a 2010 e de 2011 a 2012. Hoje, trabalha como fotógrafo e historiador. Suas obras estão nos acervos da Fundação Tancredo Neves, em Belém, e na Foto-arte de Brasília.

Alexandre Ferreira da Costa e Sandro Pacheco de Castro¹⁰, os anos de 2010.

Além do breve levantamento sobre o trabalho de Miguel Chikaoka com o intuito de explicar a trajetória de seu trabalho no ramo da fotografia, enfatizando o valor cultural e social de seu trabalho através da pesquisa, registrando seus trabalhos no ramo da fotografia como forma de ensino, foram realizadas duas entrevistas com o fotógrafo. Na experiência de construir a partir do artesanato, o aprendizado se dá de maneira mais rigorosa, quando o indivíduo experimenta o processo, e não só experimenta o teórico do processo. Os alunos de suas oficinas participam da formação da imagem desde a construção artesanal das câmeras fotográficas, geralmente feitas com materiais simples, até o processo de revelação.

Os alunos de oficinas de Miguel Chikaoka ouvidos durante a pesquisa foram questionados sobre a experiência das aulas, se veem Chikaoka como fonte de inspiração e como suas aulas podem influenciá-los futuramente.

Acompanhamos uma oficina realizada pelo fotógrafo com o objetivo de extrair uma mensagem crítica, cultural, social e emocional, através da fotografia como educação. Nosso objetivo é transmitir a importância do estudioso no cenário paraense, viabilizando a aprendizagem da fotografia como mecanismo da educação.

Fotografia e história

Desde o Renascimento, no século XVI, já se tinha a referência de câmara obscura. Este método utiliza-se de um dispositivo que tanto pode ser uma caixa, quanto um cômodo inteiro, de interior opaco e com uma abertura em uma das faces. A luz que é refletida do objeto posicionado diante do furo penetra essa fenda e se projeta na parede oposta de forma invertida. Esta instalação foi chamada de câmara obscura. (OLIVEIRA; VICENTINI, 2010).

Porém, o ano que foi de suma importância para a história da fotografia foi 1827. Afinal, é o período em que o primeiro registro fotográfico aconteceu. O inventor francês Joseph Niépce, realizou, com uma placa de metal prateada com gás de iodo, uma foto com uma exposição de no mínimo oito horas, a imagem consistia na janela do segundo andar de sua casa.¹¹

Entretanto, foi em 1888 que George Eastman, fundador da Kodak, revolucionou a

¹⁰ Alexandre Ferreira da Costa, 14 anos, e Sandro Alex Pacheco de Castro, 15, são alunos da escola Liceu Escola de Artes e Ofícios “Mestre Raimundo Cardoso”, do 8º e 9º ano, respectivamente.

¹¹ *Id. Ibid.*



fotografia, introduzindo no mercado norte-americano a primeira câmera portátil com o lema "Você aperta o botão e nós fazemos o resto". A imagem era capturada por um rolo de película transparente.¹²

A fotografia é mais que uma simples imagem. Eternizadora de um momento, possui a capacidade de influenciar o ser humano, e em certos casos, nos valores morais, seja individual ou coletivo.

Uma fotografia é simultaneamente uma pseudopresença e um signo de ausência. As fotografias, especialmente de pessoas, de paisagens distantes e cidades longínquas, de um passado irrecuperável, assim como uma lareira numa sala, são incitamentos ao devaneio. A sensação do inatingível que as fotografias conseguem evocar alimenta os sentimentos eróticos daqueles para quem o desejo é estimulado pela distância. (SONTAG, 1986, p. 25).

Ao contemplar uma imagem, há um conjunto envolvido de essências materiais, pessoais, históricas. Afinal, ao olhá-la, estamos apreciando, pensando e refletindo. Uma espécie de deleite filosófico, por vezes, existencialista. Tal processo, por intermédio da simbologia.

Através da mensagem fotográfica, há elementos semióticos, pois, há inúmeras interpretações em relação a essa questão. O signo está presente, por intermédio da significação do que a pessoa está vendo, e conseqüentemente interpretando. Quando a autora cita que a natureza de uma fotografia não é a mesma de uma planta baixa, entende-se que está mais além - uma compreensão mais complexa.

A fotografia de Miguel Chikaoka como processo de educação

A educação não se restringe apenas à escola, à universidade, ou a padrões familiares. A educação está relacionada às relações sociais de forma geral. Moacir Gadotti (1979 *apud* FREIRE, 2013, p. 6) afirma que "a educação é essencialmente um ato de conhecimento e de conscientização".

Segundo Paulo Freire (1967, p.36), "a educação das massas se faz, assim, algo de absolutamente fundamental entre nós. Educação que, desvestida da roupagem alienada e alienante, seja uma força de mudança e de libertação".

¹² KODAK. História da Eastman Kodak Company. Disponível em: <http://www.br.kodak.com/BR/pt/corp/sobre_kodak/historico/mundial/mundial.shtml?primeiro=7> Acesso em: 29 de set. 2014.

A opção, por isso, teria de ser também, entre uma ‘educação’ para a ‘domesticação’, para a alienação, e uma educação para a liberdade. ‘Educação’ para o homem-objeto ou educação para o homem-sujeito. [...] Expulsar esta sombra [da opressão] pela conscientização é uma das fundamentais tarefas de uma educação realmente liberadora e por isto respeitadora do homem como pessoa.¹³

Portanto, a educação para a liberdade é perceptível nos ensinamentos de Miguel Chikaoka. Pois, através de suas transmissões de conhecimento, há a capacitação do aluno para ser livre, através de experimentações orientadas pelo próprio fotógrafo.

A história do fotógrafo com a educação começou quando chegou a Belém e encontrou no grupo Ajir¹⁴ uma mistura de ações artísticas com processos educativos (MOKARZEL, 2014, p. 18). Um dos projetos do Ajir era o “Arte na praça”, e foi nesse evento que Chikaoka debutou ministrando uma oficina. Miguel Chikaoka chegou a se apresentar com o rosto pintado em intervenções do projeto.

De acordo com a definição dada à educação pelo minidicionário de Ruth Rocha¹⁵, a prática corresponde ao ato de educar, ao “processo pelo qual uma função se desenvolve e se aperfeiçoa pelo próprio exercício”, educação é a palavra-chave para o trabalho de Miguel Chikaoka. A construção da fotografia feita por ele tem papel fundamental em seu processo de educação.

Tanto é que eu começo a trabalhar essa ideia de que a fotografia, não como um conhecimento em si para a produção de imagem, mas como um processo, ela é muito potente, ela apresenta muitas possibilidades de abordagens pedagógicas e que não é do conhecimento e não tem sido utilizada em um nível que ela poderia estar sendo para potencializar o desenvolvimento, a construção do conhecimento nas escolas.¹⁶

Nota-se que para Chikaoka, a fotografia não se trata apenas de registrar algo, está além disso. É um viés educacional. Afinal, através disso, o aluno entra em contato de fato com o processo, desde a construção da câmera até a revelação da imagem. Levando não só a questionamentos técnicos, mas também morais e existenciais.

Segundo o professor José Luiz Kinceler (*In* RODRIGUES, 2003, p. 9) as formas para

¹³ *Id. Ibid*, p. 36-37.

¹⁴ O Ajir, surgido no início da década de 1980, era um grupo paraense composto por pessoas que trabalhavam em diferentes áreas, como artes plásticas, teatro, música, entre outros, e tinha como proposta desenvolver cursos e realizar intervenções na cidade de Belém, ocupando o espaço público os espaços públicos com arte e cultura. Disponível em: <http://www.fotoparaense80-90.pa.gov.br/Rubens_texto.htm>. Acesso em: 11 jul. de 2015.

¹⁵ ROCHA, R. **Minidicionário enciclopédico escolar**: Ruth Rocha. São Paulo: Scipione, 1996.

¹⁶ Miguel Chikaoka. Entrevista concedida às pesquisadoras em 30 de agosto de 2014.



o ensino não formal em artes somente produzem sentido quando há uma necessidade de representação própria à arte atual, e estão sendo utilizadas de forma colaborativa, inter e transdisciplinar. As experiências de Chikaoka com a educação estão dentro dessa curva, uma vez que o aluno é posto em contato com o coletivo através das experimentações pessoais de cada um. Como na oficina retratada na Figura 1, de 2009, com crianças e jovens do Beco do Carmo, onde construíram imagens para compor o projeto Urubu Raitek, idealizado por Miguel Chikaoka e pela Fotoativa em Belém.

Figura 1 – Oficina Brincando com a Luz, realizada no Museu de Arte de Belém



Fonte: MOKARZEL, 2014, p. 93

Segundo Rubens Fernandes Júnior (2002, *apud* MOKARZEL, 2014, p.33), Miguel Chikaoka “provocou o aparecimento de algumas novas gerações de fotógrafos, com gosto tanto pela fotografia convencional quanto pela pesquisa e pela experimentação”. E isso é perceptível dentro das entrevistas que foram realizadas nesta pesquisa.

Neste trabalho estão representadas as três décadas do trabalho de educação promovido por Miguel Chikaoka. Cada uma delas é figurada por um aluno que teve sua vida marcada pela fotografia, pelos ensinamentos do fotógrafo que os tocou de maneira a mudar sua percepção desse fenômeno físico-químico que é a fotografia, passando a ser vista como processo humano e filosófico.

O papel de Chikaoka no processo educativo

O trabalho de educação de Chikaoka passa por caminhos mais profundos do que os

manuais de fotografia costumam traçar. Para a fotojornalista Paula Sampaio, uma das entrevistadas, os ensinamentos de Miguel Chikaoka foram essenciais, afinal, foi durante o período acadêmico do curso de jornalismo que descobriu sua maior vocação profissional. A partir da oficina de fotografia que fez com Miguel na década de 80, e com todas as informações aprendidas, Paula decidiu seguir no ramo fotográfico.

Em relação à Fotografia, eu era tomado de um desejo “ontológico”: eu queria saber a qualquer preço o que ela era “em si”, por que traço essencial ela se distinguia da comunidade das imagens. Um desejo como esse queria dizer que, no fundo, fora das evidências provenientes da técnica e do uso e a despeito de sua formidável expansão contemporânea, eu não estava certo de que a Fotografia existisse, de que ela dispusesse de um “gênio” próprio. (BARTHES, 1984, p. 11)

A respeito do pensamento do filósofo francês Roland Barthes, a questão de saber a qualquer preço o que a fotografia é em si, foi o que aconteceu com a fotojornalista Paula Sampaio. Pois a fotografia foi uma descoberta para ela. E não durou muito tempo para descobrir que a documentação fotográfica era algo que a instigava.

Atualmente Paula exerce a profissão de fotojornalista, também trabalha como assessora cultural do Centro Cultural Sesc Boulevard, e lá, as oficinas da área de fotografia artesanal são baseadas no trabalho de Miguel Chikaoka. Paula Sampaio segue a mesma linha de pensamento, pois, para ela é a base que funciona. A base é que instiga a pessoa e que dá o resultado, fazendo da fotografia um instrumento de descoberta também.

Michel Pinho¹⁷, ex-aluno de Miguel Chikaoka, levantou a questão de “quantas pessoas no Brasil a gente tem com essa força poética para motivar tantas pessoas?”. É que dessa maneira, segundo ele, Miguel Chikaoka incentiva as pessoas a buscarem seus caminhos individuais, passando ou não pela fotografia. Pinho trabalha como professor e o que mais admira no processo educativo de Chikaoka é a indagação, o “fazer com que as pessoas se indaguem ou indaguem a outros sobre o processo de produção fotográfica”.

O que é a luz, quais os caminhos que essa luz tem, o que a luz tem a ver com a nossa vida. Não é apenas tecnicamente que se resolve uma fotografia, mas como isso ajuda a nos perceber como ser humano. E eu acho que isso é único. [...] A fotografia me atravessou a prática da fotografia a partir dessa pedagogia da luz, dessa escrita da luz. Foi tão forte que atravessou minha vida desde 2003 quase todos os dias.¹⁸

¹⁷ Michel Pinho. Em entrevista concedida às pesquisadoras em 28 out. 2014.

¹⁸ *Id. Ibid*

Percebe-se então que o trabalho educativo de Miguel Chikaoka com fotografia é mais do que fotografar. É sentir, trocar ideias, educar e ser educado através dessa prática, simultaneamente com os alunos. Afinal, segundo ele, a luz é mais do que luz propriamente dita, está numa perspectiva de plano aberto, é repetindo o olhar na direção dela que se leva a planos que anteriormente não tinha.

A inversão da lógica do processo educativo, que faz perguntas e espera respostas, é característica de Miguel Chikaoka. “Quiçá todos os professores pudessem fazer isso. Em vez de te dar a resposta, te levar a fazer a pergunta”¹⁹. Segundo Michel Pinho, o ato de produzir, experimentar e tirar suas próprias conclusões a partir do resultado é característico e está presente nas aulas de Chikaoka.

Acredito que tudo o que envolve a fotografia é um tanto curioso e quase mágico, ainda lembro da primeira vez que vi uma imagem aparecendo em um banho revelador, aquilo me marcou e acho que prende a atenção e a partir dela se poderia falar de tantas coisas... De química, física, matemática, história, geografia, enfim... De tudo.²⁰

Ao recordar a primeira vez que viu uma imagem aparecendo em um banho revelador, no laboratório fotográfico, pode-se analisar que Alberto Bitar enxergou na fotografia uma fonte de educação, pois, em sua afirmação, é notório que a mesma pode estar atribuída a diversos temas, da matemática à geografia. Uma prática multi educativa.

Experimentação

O Projeto Fototaxia, idealizado pela Fotoativa²¹ e iniciado em 2014, visita escolas municipais parceiras para o desenvolvimento de projetos pedagógicos junto aos alunos e funcionários. São participantes desse projeto Alexandre Ferreira da Costa e Sandro Alex Pacheco de Castro, 14 e 15 anos, respectivamente. Os adolescentes são alunos do Liceu Escola de Artes e ofícios “Mestre Raimundo Cardoso” no distrito de Icoaraci, em Belém - PA, e acompanharam a oficina de *pinhole* com câmera de argila.

¹⁹ *Id. Ibid.*

²⁰ Alberto Bitar. Entrevista concedida por e-mail às pesquisadoras em 11 out. 2014.

²¹ Fundada por Miguel Chikaoka, em Belém do Pará, no ano de 1984, a Fotoativa trata a fotografia de maneira lúdica, com processos artesanais de construção de imagens, explorando os sentidos dos participantes de suas oficinas e ações culturais. Sempre incentivando a discussão sobre o fazer fotográfico e suas possibilidades. “A Associação Fotoativa é uma das principais fomentadoras do cenário cultural paraense, a partir da utilização da linguagem fotográfica como recurso reflexivo, experimental e agregador.” Fonte: Associação Fotoativa. Disponível em: <http://www.fotoativa.org.br/?page_id=635>. Acesso em: 11 jul. de 2015.

Alexandre da Costa e Sandro de Castro trabalham em uma olaria e tiveram a primeira experiência unindo seu material de trabalho com a fotografia. As câmeras artesanais foram produzidas na própria escola, onde ocorreu a oficina, e puderam acompanhar esse processo para, segundo eles, continuar fazendo as câmeras em casa.

As fotos tiradas livremente na oficina foram reveladas pelos próprios alunos em um laboratório construído por Chikaoka e a equipe da Fotoativa. As imagens, em preto e branco e com luminosidade invertida, causaram estranheza para eles. Quando perguntados sobre o que mais lhes chamou a atenção, a resposta de Sandro de Castro foi imediata: “foi o céu. Ele fica tipo preto na foto”.

Michel Pinho acredita que essa liberdade de experimentar é fundamental:

Te dizer olha, mexe no obturador, mexe na velocidade e tu vais ter outro tipo de fotografia. Não, mexe nisso aí e vai experimentando no que vai dar. A gente vive uma sociedade sem experiência, numa sociedade onde tudo está supostamente pronto. [...] Acho que, como professor, isso é um caminho para fazer as pessoas abrirem o olho, literalmente, para enxergar a vida de outra forma.²²

O contato com a fotografia sempre foi de experimentação para Paula Sampaio, pois a partir daí surgiu a afinidade. Após a oficina com Miguel Chikaoka na década de 80, continuou experimentando.

Sempre ouvi do Miguel: ‘Você começa assim e termina sabe Deus como. Vai experimentando’. Isso foi revolucionário porque me libertou de alguns conceitos. [...] Isso foi muito legal porque eu nunca fui apegada a técnicas e conceitos. Eu gosto de experimentar. Então, para isso foi fundamental, e até hoje saio experimentando, se der certo, deu certo, se não der certo... E também, o que é não dar ou dar certo?²³

A imagem Rodovia Belém-Brasília em Terra Alta, Tocantins (ver Figura 2), é um exemplo de experimentação de Paula Sampaio, que se diz desapegada de técnicas e conceitos, resultando em um processo criativo.

É uma das características de Miguel Chikaoka o processo de experimentação, do “corpo a corpo, essa forma de construir conhecimento a partir das experiências, de troca”²⁴.

Antes do contato com a oficina de Chikaoka é notório que seus alunos viam a fotografia como algo mais técnico. Enquanto Paula Sampaio nem imaginava em ser

²² Michel Pinho. Em entrevista concedida às pesquisadoras em 28 out. 2014.

²³ Paula Sampaio. Em entrevista concedida às pesquisadoras em 29 out. 2014.

²⁴ Miguel Chikaoka. Em entrevista concedida às pesquisadoras em 30 ago. 2014.

fotógrafa, Alberto Bitar também enxergava de maneira similar.

Figura 2 – Fotografia Rodovia Belém-Brasília, de 1998



Fonte: Paula Sampaio, na coletânea Fotografia Contemporânea Paraense Panorama 80/90²⁵

Bitar havia lido sobre técnica, composição, laboratório, mas o processo de didática de Miguel Chikaoka o deixou mais atento para às possibilidades existenciais da fotografia.

Enquanto Sandro de Castro via a fotografia como diversão, Alexandre da Costa a via como avanço tecnológico, onde era necessário apenas apertar um botão para a foto ser feita. Após a oficina de Fototaxia, eles passaram a ver a fotografia como uma obra construída.

Quando eu conheci o Miguel [Chikaoka] a fotografia passa a ser filosofia, [...] a produção fotográfica passa a ter um sentido de discurso, de cada pessoa ter um discurso específico onde o caminho da materialização desse discurso é a luz²⁶.

Michel Pinho, que tinha a fotografia apenas como fonte histórica produzida por um homem em dado contexto, adotou a visão dela como também fonte de discurso.

Descoberta pessoal

Durante as entrevistas ficou claro que, antes dessas aulas, os alunos tinham uma visão apenas técnica da fotografia, porém, após as experiências perceberam que a fotografia está mais além, que ela pode estar relacionada a questões mais existenciais, não apenas profissionais, e também pessoais.

²⁵ Disponível em: <<http://www.fotoparaense80-90.pa.gov.br/paulasampaio.htm>>. Acesso em: 9 dez. de 2014.

²⁶ Michel Pinho. Em entrevista concedida às pesquisadoras em 28 out. 2014.

Alberto Bitar, que teve contato com a Fotoativa em 1991, afirma que a aula de Chikaoka o ajudou a encontrar seu próprio caminho. E a tentar ver além do que estava acostumado, buscando até os dias de hoje o que o altera e o que mexe com ele.

Além disso, Alberto Bitar enfatiza que o contato com o processo de didática de Miguel Chikaoka, o deixou mais atento e receptivo a respeito das possibilidades da fotografia. Alegando que a mesma é de suma importância em sua formação profissional e pessoal e que não seria a mesma pessoa se não tivesse conhecido a fotografia, e se ela não fizesse parte de sua vida.

A fotografia Sem título (ver Figura 3) integra a série "Efêmera Paisagem", de Alberto Bitar, e faz parte do acervo digital da Kamara Kó Galeria. A partir da década de 90, Bitar começou a ter contato de fato com a fotografia e não parou mais.

Figura 3 – Fotografia Sem título



Fonte: Alberto Bitar, Kamara Kó Galeria²⁷

Michel Pinho teve seu contato **mais** estreitado com a fotografia em seu curso de bacharelado em história. Durante o período acadêmico foi percebendo o poder da fotografia como fonte e discurso histórico. Foi a partir daí que ele passou a procurar ter mais contato

²⁷ Disponível em: <<http://kamarakogaleria.com/site/?artistas=alberto-bitar>>. Acesso em: 9 dez. de 2014.

com o processo fotográfico, e junto com isso, se aproximou da Fotoativa.

Figura 4 – Fotografia Sem Título, Belém



Fonte: Michel Pinho. Blog Espiandomundo²⁸

“Fotografar é apropriarmo-nos da coisa fotografada. Significa envolvermo-nos numa certa relação com o mundo que se assemelha ao conhecimento e, por isso, ao poder” (SONTAG, p.14, 1986). É seguindo esta ideia que Michel Pinho toma a fotografia. Segundo o historiador, ao sair para fotografar, carrega um discurso que se relaciona com sua vida pessoal, com sua visão política e sua vivência estética. Seguindo essa linha de pensamento, Michel Pinho criou em 2004 a série “Murografia”, utilizando os muros da cidade como plano de fundo para suas fotografias (ver Figura 4).

Por isso que a Fotoativa e o Miguel [Chikaoka] ao longo desses anos todos se destaca no cenário brasileiro, por incentivar as pessoas a buscarem seus caminhos individuais que passam ou não pela fotografia. De repente você vai fazer fotografia lá na Fotoativa e a fotografia meio só te passou, mas aquele ensinamento fica na tua vida para as outras áreas [...]. O naipe de pessoas que vão à Fotoativa vivenciar isso é muito grande.²⁹

Paula Sampaio também enxerga um diferencial na fotografia como prática educativa. “É você aprender a se enxergar e fazer suas próprias escolhas, descobrir o seu próprio caminho. O aprendizado não é só você lidar com uma coisa que está ali, é lidar com aquilo, e ir além daquilo”³⁰.

²⁸ Disponível em: <<http://espiandomundo.blogspot.com.br/2010/03/copa-do-mundo-2006.html>>. Acesso em: 9 dez. de 2014.

²⁹ Michel Pinho. Em entrevista concedida às pesquisadoras em 28 out. 2014.

³⁰ Paula Sampaio. Em entrevista concedida às pesquisadoras em 29 out. 2014.

Segundo Paula Sampaio, existem professores e mestres, e para ela, Chikaoka é um mestre, pois, através de suas técnicas ele não impõe limites, permitindo a possibilidade de ser livre.

Os ensinamentos do Miguel [Chikaoka] foram fundamentais na minha vida pessoal e profissional, pois, a vivência nas aulas fez com que ocorresse o processo de autoconhecimento. Até hoje saio experimentando, isso foi muito importante nas minhas escolhas, tanto é que meus projetos são relacionados à fotografia.³¹

Paula Sampaio também relata que nas oficinas havia discussões sobre processos de fotografia, política, o motivo de ser fotógrafo na Amazônia, e qual a função deles na região. “Até a maneira que fui me conduzindo profissionalmente tem a ver com as discussões geradas na Fotoativa”³².

Um exemplo de descoberta pessoal através destes ensinamentos para a fotojornalista, foi a questão de se conduzir profissionalmente. Paula Sampaio sentiu um processo de descoberta social, cultural, profissional e até mesmo interpessoal.

Eu vou olhar para as estrelas que estão a anos-luz sem a ajuda de nenhum aparelho ótico. Mas também se olhar para o campo da representação, na dimensão simbólica também ele é muito potente, porque culturalmente todos os povos – eu digo indivíduos, de certa maneira – têm uma relação com a luz que está em um plano não matéria: a representação da própria vida, do conhecimento, do estado de espírito, do estado de ser, tudo isso é tido como luz, como estado luminoso.³³

Ao longo da declaração de Miguel Chikaoka, percebe-se uma situação existencialista em decorrência da fotografia. É neste lugar que ele está trabalhando atualmente, de investigar, praticar um pouco como educador dialogando e questionando seus alunos, ensinando e aprendendo com eles, também tendo a sua descoberta pessoal a cada experiência realizada.

³¹ Paula Sampaio. Em entrevista concedida às pesquisadoras em 29 out. 2014

³² *Id. Ibid.*

³³ Miguel Chikaoka. Entrevista concedida às pesquisadoras em 30 de agosto de 2014.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das entrevistas surgiu a percepção de que o ensino da fotografia por Chikaoka não era apenas técnico. Na verdade, a tecnicidade era o fator menos importante. Havia um elemento humano ali, de pensar a luz e refletir sobre como vai ser realizada sua captura, com que proposta.

Através das pesquisas de campo e das entrevistas, foi constatada a grande importância do trabalho de educação exercido por Miguel Chikaoka, visto que mesmo aquelas pessoas que tiveram contato com suas aulas há mais de vinte anos, trazem um sentimento de amizade e admiração por Chikaoka. Ficou evidente também o poder de influência do fotógrafo na escolha da fotografia como profissão, visto que três dos cinco entrevistados que foram escolhidos para fazerem parte desta pesquisa trabalham com fotografia e o fazem, de certo modo, tendo Chikaoka como inspiração.

Dentro da área da educação, percebeu-se que os métodos utilizados pelo fotógrafo abordam a questão filosófica de se criar uma fotografia, da experimentação como processo de aprendizado. Os alunos que foram entrevistados nesta pesquisa foram unânimes em afirmar que mudaram sua visão do que é a fotografia a partir das aulas com o educador. O modo de ver a fotografia, como elemento técnico ou como diversão deu lugar a um pensamento de que ela pode ser um material filosófico. Mudando o olhar do aluno sobre a fotografia, muda-se também a maneira como ele a trata.

Miguel Chikaoka utiliza-se de métodos não convencionais de ensino. Como exemplo o da experimentação, que não aponta um objetivo claro para a aprendizagem, mas mostra caminhos possíveis para se descobrir e chegar até onde o aluno desejar. Como nas técnicas mais tradicionais de educação, o resultado desejado só é obtido após uma série de exercícios.

Seja fazendo ajustes no rumo de sua carreira, como ocorreu com a até então estudante de jornalismo e hoje fotógrafa, Paula Sampaio, ou aprendendo uma nova forma de fotografar com um objeto cotidiano e que, a princípio, não tinha relação com a fotografia, é sensível a mudança que as aulas de Miguel Chikaoka trouxeram para essas pessoas.

Através desta pesquisa ficou confirmada a ideia inicial, que serviu como estímulo e base da inquietação sobre o tema. Que além de um excelente fotógrafo, premiado e reconhecido no Brasil e no exterior, Miguel Chikaoka também exerce muito bem seu papel de educador e, principalmente, formador de opinião. Seja estimulando o estudo da fotografia

como prática reflexiva, trazendo a experimentação para as aulas, apresentando novas ideias de leitura das imagens, ou conversando, mesmo que informalmente, sobre esse assunto que tanto desperta interesse, como é a fotografia.

REFERÊNCIAS

BARTHES, R. **A câmara clara: notas sobre fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BRAGA, J. L. **Constituição do campo da comunicação**. São Leopoldo: Verso e Reverso, 2011.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, 28ª ed., 1993.

CALAÇA, M. C. **Dirceu Maués: a fotografia *pinhole* na arte contemporânea**. In: Encontro Nacional de Estudos da Imagem, 3, 2011, Londrina.

FEIJÓ, C. **Linguagem fotográfica**. Disponível em: <<http://www.uel.br/pos/fotografia/wp-content/uploads/downs-uteis-linguagem-fotografica.pdf>>. Acesso em 17 set. 2014.

FLUSSER, V. **Filosofia da caixa preta**. São Paulo: Hucitec, 1985

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

_____. **Educação e mudança**. 24 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed., São Paulo: Atlas, 2002. HEDGECOE, J. O

novo manual de fotografia. São Paulo: Editora Senac, 2003. KOSSOY, B. **Fotografia & História**, 2 ed., São Paulo: Ateliê Editorial, 2001

MACHADO, A. **A ilusão espetacular: introdução à fotografia**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**. São Paulo: Hucitec, 1993.

MOKARZEL, M. **Navegante da luz: Miguel Chikaoka e o navegar de uma produção experimental**. Belém: Kamara Kó Fotografias, 2014.

OLIVEIRA, E. M. **Da fotografia analógica à ascensão da fotografia digital**. São Paulo, 2006.

OLIVEIRA, E. M.; VICENTINI, A. **Fotojornalismo: uma viagem entre o analógico e o digital**. Cengage Learning, 2010.

OLIVEIRA, M. J. et al. **História oral e o método biográfico: congruências, diferenças e potencialidades de utilização no campo da administração**. Brasília, 2013.

RODRIGUES V. **Retratar-se-retratando: fotografia, arte e educação**. Florianópolis: 2003



SANTAELLA, L. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, 1993.

SANTOS, A. C. A. **Fontes Orais**: testemunhos, trajetórias de vida e história. 2010. Disponível em:
<<http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Testemuhotrajetoriasdevidaehistoria.pdf>>

SONTAG, S. **Ensaaios Fotográficos**. Lisboa: Dom Quixote, 1986.

TEIXEIRA, A. M. **A fotografia com câmara estenopeica-pinhole**. Saber e Educar, 2002. VOLLI, U.

Manual de semiótica. São Paulo: Edições Loyola. 2007.